

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 17 de dezembro de 2014**

*Texto de referência: Julián. Carrón e Davide Prosperi, “Não sou quando não estás aqui”,
Passos, novembro 2014, pp. 13-24.*

- *E se domani*
- *Il figliol prodigo*

Glória

Carrón: Quem é crucial para nós? Quem é tão crucial em nossa vida a ponto de podermos dizer como a letra da canção de Mina que acabamos de ouvir: se eu o perdesse, “perderia o mundo inteiro, não só você”? Quem pode responder verdadeiramente a essa nossa exigência? Só alguém que represente de tal forma o significado da vida que sem ele, sem a sua presença, eu perco tudo, fico perdido, confuso. Foi isso que o filho pródigo precisou descobrir através de um caminho, de um processo longo no qual a sua liberdade tinha tomado uma certa estrada. Toda a vida nos é dada para descobrir isso: quem é tão crucial que, se o perdemos, perdemos o mundo inteiro?

Colocação: *Queria fazer duas perguntas que surgiram na Escola de Comunidade que faço com alguns amigos; percebemos que era realmente necessário fazê-las a você, porque têm uma relevância que nos parece importante neste momento. A primeira é esta: comentando a parábola do filho pródigo, você mencionou padre Spadaro que, no Meeting, disse: “É preciso acompanhar os processos culturais e sociais, por mais ambíguos, difíceis e complexos que possam ser”. O que pode dizer para nós, neste momento, acompanhar os processos culturais e sociais? É mais fácil entender o que quer dizer acompanhar uma pessoa, mas o que significa acompanhar um processo cultural e social? E, sempre como especificação de tal questão: existem processos que neste momento você considera mais importante acompanhar, que sejam como uma indicação que você dá a todos nós? A segunda pergunta é sobre outro tema, mas é afim, porque parte daquilo que o Papa disse no Congresso dos Movimentos: Papa Francisco nos convida a “manter o frescor do carisma [evitando] enrijecermos-nos em esquemas tranquilizadores, mas estéreis”. E acrescenta: “A novidade de suas experiências consiste nos métodos e formas, [...] que também são importantes, mas na disposição de responder com renovado entusiasmo ao chamado do Senhor”. E ainda: “se formas e métodos são defendidos por eles mesmos se tornam ideológicos, distantes da realidade que está em constante evolução” (Discurso no III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 22 de novembro de 2014, 1). Então, perguntamos: neste momento da nossa história, olhando para o Movimento, você reconhece formas e métodos que já estão distantes da realidade e que, portanto, nos afastam em vez de favorecer estarmos dentro dela? Ou, do lado positivo: qual é o chamado do Senhor ao nosso Movimento, o que nos pede agora?*

Carrón: Parece-me que uma pergunta com esse alcance nos ajuda realmente a olhar para o contexto no qual somos chamados a viver a fé, para podermos nos acompanhar a nós mesmos e aos outros dentro das circunstâncias atuais. Se eu entendo bem aquilo que o Papa diz, acho que ele enfatiza que o mundo está em constante mudança, numa velocidade que apenas poucas décadas atrás sequer sonhávamos. Isso é evidente a todos, assim como é claro que todos estamos imersos nessa mudança rápida. Como podemos viver nesse contexto? A primeira questão, a meu ver, é identificar quais são os processos cruciais do nosso tempo. Nesse sentido, sempre me ajudou, como já lembramos em outros momentos este ano, o juízo de Bento XVI sobre as grandes mudanças que começaram há alguns séculos, num longo processo do qual somente agora se veem todas as consequências. Ele dizia que “na época do iluminismo [...] tentou-se manter os valores essenciais

[da vida] da moral fora das contradições [como para deixá-las à margem de todas as discussões ideológicas ou religiosas] e buscar para elas uma evidência [toca-me sempre o fato de que o Papa use exatamente a palavra ‘evidência’] que as tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões”, porque se tentava “assegurar as bases da convivência e, de modo mais geral, as bases da humanidade. Naquela época, isso pareceu possível, uma vez que as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo resistiam em grande parte e pareciam inegáveis”. Parecia inegável que isso continuaria infinitamente. Fiquei impressionado com a lucidez com a qual Bento XVI observa que “a busca de tal certeza tranquilizadora [...] falhou” (*A Europa de Bento XVI na Crise das Culturas*, LEV-Cantagalli, Roma-Siena 2005, pp. 61-62). Isso já é evidente a todos, é um dado indiscutível, pode ser encontrado em toda questão da vida. Aquele processo gerou uma sociedade muito mais plural do que aquela em que nascemos, na qual tudo é colocado em discussão e onde as grandes convicções de fundo não são mais compartilhadas. Vemos isso na família, na educação, na sociedade, nos relacionamentos, é um fenômeno que toca cada vez mais todos os aspectos da vida. Em uma entrevista por ocasião do Sínodo, o cardeal Scola dizia que “o confronto com a revolução sexual talvez seja um desafio não inferior ao que foi lançado pela revolução marxista” (*La Repubblica*, 12 de outubro de 2014) em 1968. Estamos diante de desafios que algum tempo atrás sequer teríamos podido imaginar. Em relação à palavra utilizada por Bento XVI, Dom Giussani também já dizia, em 1987: “É como se [hoje] não houvesse mais nenhuma evidência real a não ser a moda” (*L’io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milão 2010, pp. 181-182).

Portanto, estamos todos imersos nesses processos. Muitos dos nossos contemporâneos (e também muitos de nós, imersos até o pescoço) já fizeram um percurso em busca de algo e alguns já voltaram, verificaram que uma ideologia como a marxista não funciona mais ou que uma certa modalidade de viver da qual se esperava certos resultados, não é mais adequada. Vimos isso documentado por muitas das personalidades que apresentaram o livro *Vita di don Giussani*: personagens com a mentalidade diferente da nossa, provenientes de outros contextos, de posições totalmente diversas, lendo o livro, vendo como Dom Giussani viveu certos processos, encontraram ajuda, uma luz ou, para usar a palavra de padre Spadaro, uma “tocha”. Como Giussani nos guiou para viver os processos culturais e sociais? E que incidência tivemos sobre estes? Na medida em que nos tornamos capazes de viver e fomos facilitados a não perder o caminho diante de todas as mudanças que enfrentamos. Lembramos disso na primeira meditação dos Exercícios da Fraternidade, quando fiz referência ao que aconteceu em 1968, para que pudesse nos ajudar a enfrentar o desafio que temos agora em relação a certos direitos ou à revolução sexual (como aconteceu na revolução marxista em 1968). São desafios que estão diante de todos nós. Para não falar da educação, um desafio igualmente decisivo. Em todos esses processos, como podemos acompanhar os outros e nos acompanhar? O que Dom Giussani fez? De que modo nos acompanhou? Através da geração de um sujeito capaz de não se deixar arrastar por esses processos, sem perder constantemente o caminho, um sujeito para quem tudo isso seja útil para o caminho. Há algumas modalidades de resposta que se demonstraram insuficientes. É evidente, por exemplo, que diante da queda de certas evidências não basta, dizia ainda o cardeal Scola, repetir um discurso correto: “Ainda se pensa, com um certo intelectualismo ético, que o único problema seja aprender a doutrina correta para, depois, aplicá-la à vida: ‘A autêntica doutrina, uma vez proclamada, vencerá’” (*Passos*, n. 163 outubro/2014, p. 8); isso não funciona mais, podemos ver. Dom Giussani sempre nos disse que não basta a repetição formal da verdade para que a pessoa a assuma, tornando-a própria. Exatamente por isso, me impressiona o caminho do filho pródigo, porque ele sabia certas coisas, assim como nós as sabíamos e como muitos dos nossos contemporâneos as receberam da Igreja, mas tudo isso não deteve o processo pelo qual hoje “não há mais nenhuma evidência real”. Só quem fez um caminho, só quem fez experiência pessoal dentro dos processos poderá acompanhar os outros a vivê-los sem se perderem. Porque só podemos comunicar aos outros o que cada um de nós já ganhou como experiência; às vezes, parece que insistir sobre o caminho pessoal que cada um precisa fazer seja desproporcional e inadequado em relação a certos processos, mas

Dom Giussani não pensava assim: impressionou-me que apenas dois dias depois da ocupação da Universidade Católica – no dia 19 de novembro de 1967, dois dias depois! –, em um Retiro do Grupo Adulto, ele tenha dito que aquilo tinha acontecido porque os universitários do Movimento não buscaram o Senhor noite e dia e isso não lhes deu a inteligência adequada para estarem diante destes processos: “E, assim, até a inteligência da situação e das coisas a fazer – que é uma inteligência diferente, mais aguda, porque é uma inteligência ditada do ponto de vista de Deus – faltou-nos tão facilmente, porque nós não O esperamos dia e noite”. De fato, ‘se O tivéssemos esperado dia e noite, também a postura dos nossos estudantes nos relacionamentos dentro da Universidade Católica teria sido diferente’” (*Vita di don Giussani*, Bur, Milão 2014, p. 391). Desejo que nós aprendamos com as coisas que Dom Giussani nos disse para podermos incidir verdadeiramente sobre os processos nos quais estamos imersos, hoje. Mas isso só é possível se não nos perdemos ao longo do caminho.

Colocação: *Pela primeira vez, sei responder às perguntas que você faz. Na última Escola de Comunidade, fazendo referência à parábola do pai misericordioso, você perguntou: “De quanto tempo precisamos para entender realmente qual é a nossa necessidade e, assim, poder descobrir a graça de ter um Pai?”. Filha mais velha de duas irmãs, sempre me identifiquei com o filho que fica em casa e vê seu irmão privilegiado pelo pai. Não que alguma vez tivesse me faltado algo: escolas particulares, viagens ao exterior... Quando terminei a faculdade, o desejo de ter uma família e uma vida própria aumentava cada vez mais: desejava caminhar com as próprias pernas e não perturbar o Senhor com qualquer coisa. Tudo isso me parecia legítimo. Conheci aquele que seria meu marido, pedi a minha parte na herança e me casei; pensava que finalmente teria tudo o que sonhei: marido, filhos, casa, trabalho, em uma palavra, aquilo que para mim significava “felicidade”. Obviamente enfrentaria muitas coisas: dificuldades econômicas, doença, incompreensões, até possíveis infidelidades recíprocas, mas considerava meu marido um dom do céu e estava confiante na Providência. Mudei-me para a cidade e mesmo não “vivendo de modo dissoluto”, ao contrário, tentando de todas as formas construir uma família cristã, percebi que estava cada vez mais longe dEle e que o homem com quem tinha me casado na verdade não pretendia construir a família sobre os valores que achava que compartilhávamos e que, para mim, tinham como ponto central, Cristo, tanto que ir à missa aos domingos tinha se tornado um problema. Assim, chegou a carestia quando meu marido me abandonou com os filhos pequenos. Senti-me perdida: a desonra, a humilhação de ter sido rejeitada, os projetos em pedaços, a falta de dinheiro, o pesadelo dos trâmites judiciais, o sofrimento meu e de meus filhos. No meio das dificuldades eu procurei também a consolação de um outro homem, algo que felizmente – digo agora – ninguém me deu! Naquele ponto, percebi que o filho pródigo era eu e que a única coisa que eu queria era voltar para os braços do Pai. Um Pai que não tinha me deixado sozinha nem um minuto e que tinha os braços grandes e vigorosos dos meus pais, da minha irmã que eu invejava e que nunca tinha deixado de me amar, dos meus primos e dos amigos do Movimento. Exatamente o Movimento Comunhão e Libertação, que tinha encontrado outras duas vezes na vida e que tinha felizmente mantido na memória, estava diante de mim pela terceira vez. E foram exatamente alguns amigos do Movimento que não desistiram de mim e que, com infinita paciência e tenacidade, não param de me testemunhar que sou amada e que não sou definida pelos meus limites e erros; e agora, aos 42 anos, posso dizer que sou uma pessoa feliz. Sim, feliz, porque cheia daquela alegria que só o encontro com Ele pode dar. Precisei da trajetória de toda a minha vida para descobrir a graça de ter um Pai e a minha liberdade precisou passar por um abandono para descobrir a verdade sobre mim, mas sou grata por esse percurso e reconhecida a Dom Giussani pelo precioso dom dos Memores Domini, gota que surgiu do seu carisma, por cujas vocações peço incessantemente.*

Carrón: Obrigado. Uma liberdade que quer se distanciar da casa e uma casa que a espera. Como Dom Giussani acompanhou e desafiou essa modalidade de pensar na liberdade como uma “fuga de”, tão difundida nos nossos tempos, nos processos dos quais falávamos? Davide teve uma ideia e nos oferece um exemplo de como Dom Giussani fazia.

Davide Prosperi. *O que me provocou da modalidade com a qual Carrón propôs a parábola do filho pródigo na Jornada de Início de Ano foi o seu aprofundamento sobre a experiência que acredito, todos vivemos, ou seja, o seu juízo sobre o homem moderno e, portanto, sobre nós. Parece-me que é também o fio condutor do testemunho que acabamos de ouvir e que imediatamente me fez pensar no nosso movimento original, porque a trajetória humana do filho pródigo não se concretiza apenas no sentimento dos próprios erros, diante dos quais, graças a Deus, há quem nos perdoa, mas primariamente em uma pretensão de autonomia: de fato, nós tendemos a afirmar a nós mesmos, a nossa liberdade, como independência do laço real, histórico, experimentável, que nos gera agora. Como se, para afirmar a mim mesmo, para poder realizar até o fundo a minha humanidade, de algum modo eu precisasse separar-me, cortar esse laço. Eu acho que também em nós, mesmo depois de tantos anos de experiência no Movimento, se apresenta essa possível dinâmica, pela qual afirmo a mim mesmo segundo aquilo que eu sinto, que eu penso, que entendo, em alternativa ao bem verdadeiro, concreto, real da nossa vida, que fundamenta o eu real: o abraço do Pai. O que comove dessa parábola, pensando na nossa vida, é a esperança que nasce do fato de que esse abraço nos persegue, isto é, a contínua possibilidade de retorno, de voltar a reconhecê-Lo não é eliminada. Então, pensando nisso, durante a Escola de Comunidade com os meus amigos, pensei em repropor um trecho do Concerto para violino e orquestra de Beethoven, exatamente porque me lembrava que Dom Giussani fez uma leitura dele, segundo a sua extraordinária sensibilidade musical, que documenta o núcleo do problema.*

(Audição do primeiro movimento – I. Allegro ma non troppo – do Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 61, de Ludwig van Beethoven, Cd n. 6, Spirto Gentil).

Leio agora o que Giussani diz sobre esse concerto, que foi editado na coleção musical Spirto Gentil: “O tema concretamente último da existência humana pode ser sintetizado assim: o homem nasce de, recebe tudo de. É impressionante o fato de que nada daquilo que é próprio do nosso eu seja nosso. No entanto, a tentação mais grave do homem é a de conceber-se autônomo. Essa tentação é grave a tal ponto que coincide com a substância do pecado original. O Concerto para violino e orquestra de Beethoven, que escuto há quase cinquenta anos, desde a primeira vez em que comecei a ensinar religião no colégio Berchet, de Milão, tornou-se, para mim, símbolo daquela tentação suprema, obstinada, contínua do homem de fazer-se patrão de si, senhor de si, medida de si, contra a evidência das coisas. Desde que o Diabo disse à mulher: “Não é verdade que se você comer o fruto, vai morrer; ao contrário, se o comer, se tornará livre, adulta, será como Deus, conhecerá o bem e o mal”. Desde então, os esforços do homem para tornar-se autônomo como cultura e como dinâmica de amor só se multiplicaram. Mas, voltemos ao Beethoven de quase cinquenta anos atrás. Naquela época, vocês podiam ver pelas ruas de Milão um padre que andava com um enorme toca-discos. E se alguém tivesse lhe perguntado: “Aonde você vai?”, teria respondido: “Vou à escola”. “E leva o toca-discos à escola?!”. “Pois é, a escola não me empresta o dela, então, eu levo o meu”. Uma das primeiras coisas que eu fazia meus alunos escutarem na aula era exatamente o Concerto para violino e orquestra, com aquele tema fundamental que percorre toda a peça: a vida do homem da sociedade é marcada pela melodia da orquestra, da qual por três vezes o violino foge para afirmar a si mesmo e da qual, por três vezes é retomado até retornar, em paz, quase como se dissesse “Finalmente!”. O violino – o indivíduo – para afirmar a si mesmo tem sempre a tentação de separar-se em um ímpeto fugaz e, exatamente nessa tentativa, o instrumento dá o melhor de si. Por isso, os motivos mais fascinantes do concerto são os do violino, do indivíduo que tenta afirmar-se acima de todos. Mas o violino não pode resistir por muito tempo nesse ímpeto; e ainda bem que existe a orquestra – a realidade comunitária – que o retoma em si. Sempre me lembrarei do arrepio que percorreu a classe quando coloquei pela primeira vez esse trecho de Beethoven para os meninos ouvirem: o violino exprimia uma tal consumação do sentimento que realmente nos fazia inclinar sobre nós mesmos. Esse tormento era de tal forma sensível em sua potência que uma menina, sentada no segundo banco perto da janela que dava para o pátio, explodiu num choro convulsivo. A classe não riu. Então, eu disse apenas que o lugar

da paz está onde os ímpetos irracionais, ou, de qualquer forma, incompletos, da instintividade são recompostos: na comunidade. De fato, o que permite ao violino realizar as três arranques já citadas, solitárias e geniais, os três momentos mais pacificantes do concerto? O apoio da comunidade, da orquestra, à qual pode voltar a qualquer momento, que o retoma, o segue e o retoma todas as vezes que foge. O violino é o homem que espera nas suas forças momentâneas, sempre concebidas como isoladas, mais do que na comum tentativa ditada por uma origem e por um destino compartilhados. De qualquer modo que seja concebida, a autonomia do indivíduo não pode ser certa, exatamente porque como tal não tem origem verdadeira nem destino e, portanto, não pode criar história; pode suscitar um momento de emoção no tempo, mas, logo depois de ter impactado a superfície da água não pode fazer nada, não consegue ter um fim. A urgência que o tema fundamental do Concerto para violino e orquestra suscita – aquele que provocou o choro inesperado da menina – é o emblema da espera de Deus que o homem tem” (L. Giusani, “La dimora dell’io [A morada do eu], in Spirto Gentil. Um convite para escutar a grande música guiado por Luigi Giussani, por S. Chierisci e S. Giampaolo (org.), Bur, Milão 2011, pp. 135-137).

Carrón: Outro desafio, que provoca constantemente cada um de nós, na família ou na educação dos jovens, é como acompanhar os processos dos nossos filhos ou dos alunos.

Colocação: *Na última Escola de Comunidade, o rapaz que contou sobre o seu acidente e sobre o fato de, em uma situação objetivamente trágica, ter dito logo aos amigos que não queria ser consolado, mas ajudado a estar diante do Mistério, literalmente me desconcertou e me fez ver com olhos novos uma situação que tinha vivido exatamente naquela manhã. Melhor, me fez vê-la pela primeira vez. Você nos disse: “Através de um imprevisto, de um particular da realidade que pode ser, como neste caso, algo estupendo ou que pode ser uma circunstância não tão estupenda. Alguns dizem que essas coisas só acontecem quando olhamos para as montanhas ou para uma coisa bonita, enquanto o acontecimento de uma coisa ruim não diz nada, não desperta. No entanto...”. No entanto, exatamente... Naquela manhã, tinha ido ao médico com minha filha. Ela teve um acidente que, felizmente, só ocasionou dois cortes. E na quarta-feira de manhã o médico deveria tirar os pontos. Só que, percebendo que os cortes ainda não tinham cicatrizado, decidi não tirá-los. Eu sabia que minha filha se preocupava muito em “voltar à normalidade”, eliminar uma lembrança ruim e todo o medo, e percebia a sua desilusão. Estávamos no carro e vi, com o rabo do olho, que ela estava chorando. Então, tentei dizer aquilo toda mãe, atenciosa e descontente ao ver a dor de sua filha, geralmente diz: “Você vai ver que se o médico não tirou os pontos é porque, se esperar um pouco mais, você voltará a ser bonita como antes. Tenha paciência, você já teve sorte, poderia ter sido mais grave”. Etc, etc. Em suma, tentei consolá-la. Mas ouvindo aquele jovem, entendi que o meu juízo era completamente equivocado. Eu tinha lhe oferecido uma consolação sem abrir-lhe um caminho para o Consolador! Então, disse a mim mesma: “Quem é você para fechar essa fresta por onde o Mistério está falando com sua filha? Quem sabe se essas cicatrizes não são o modo com o qual Deus está dizendo a ela: “Deixe um pouco de espaço para mim, deixe-me entrar para que você possa se lembrar que sou eu que faço você?”. Então, lhe escrevi um sms: “A mãe disse bobagem. Vamos tomar café juntas amanhã cedo”. O café da manhã foi simples, mas de uma intensidade inacreditável; eu lhe contei o que tinha acontecido comigo quando ouvi você falar e lhe disse: “Vê, não basta agradecer a Nossa Senhora pelo fato de o acidente ter terminado bem. Estávamos perdendo o melhor. Aprecie essas cicatrizes, são a Sua ternura, elas pedem a você para deixá-lo entrar mais uma vez”. Não sei o que isso trará a minha filha. Certamente a vi ir embora com uma nova alegria e certeza, alegria e certeza de quem sabe que foi estranhamente preferida. E sei que isso está mudando também a mim. Quantas cicatrizes tive pressa de fechar, sem amá-las! Sem aceitar que elas eram o modo com o qual Ele me pedia para ser amado e guardado. Recomeço daqui. Não de uma consolação fingida, mas do verdadeiro Consolador. Outra coisa que me aconteceu foi a Coleta de Alimentos. Entre os tantos alunos que se envolveram conosco – professores – no supermercado, três em particular se destacaram pela presteza e letícia.*

São os da “primeira fila”, não porque sejam mais estudiosos, mas porque são os mais vivazes e, portanto, forçados pelos professores a ficarem agarrados ali na frente. Com um deles aconteceu um episódio que me fez entender que eu não sou chamada a fazer a coisa certa, mas a coisa verdadeira. Achando que ele tinha copiado a tarefa na aula, decidi argui-lo. Ele vai mal e eu acho que fiz justiça, que estou dando a ele aquilo que merece demonstrando ter tido razão em duvidar dele. Ele fica de cabeça baixa, entre a raiva e o desconforto. “E daí? É só um 5! Qual é o problema?”. “Estou com raiva professora, porque se tiro 5 não posso ir ao futebol. E, depois, isso não agrada meu pai”. Então, eu penso que aquele menino ainda não ama a minha matéria, mas alguma coisa ele ama: ama o futebol e ama seu pai. Daí, decido não fazer imediatamente e apenas aquilo que, do ponto de vista profissional, me seria pedido, mas aquilo que percebi como mais verdadeiro. Para mim e para ele. Porque, quem sou eu para não olhar para ele como eu gostaria de ser, melhor, como sou sempre olhada? Então, disse a ele, entre o desconforto e a incredulidade dos alunos da primeira fila: “Espere um momento. Farei outra arguição oral com você na próxima semana”. E, na semana seguinte, desnecessário dizer, um triunfo. Tinha estudado com um empenho exagerado, louvável. E, como ele, dia após dia, todos os da primeira fila que tinham assistido a cena. Fazer a coisa verdadeira e não apenas a coisa justa libertou a mim, a ele e aos seus companheiros. E até sua mãe, quando veio para a reunião de pais, me disse, com lágrimas nos olhos: “Não achava possível que alguém pudesse amar desse modo!”. No fundo, ao filho pródigo também deve ter acontecido algo parecido. Ele já sabia qual era a coisa certa. Precisou sair de casa para reconquistá-la como verdadeira!

Carrón: Acho que no discurso aos Movimentos, o Papa se refere exatamente a situações como esta, quando afirma que estamos diante de uma humanidade ferida, e isso é parte dos processos dos quais falávamos. O homem de hoje vive sérios problemas ao fazer as próprias escolhas, como vemos. E, muitas vezes, nossa tentativa é a de nos substituímos à liberdade das pessoas, porque estas delegam a outros as decisões da vida. É preciso resistir, sublinha o Papa, a essa tentação “de substituir-se à liberdade das pessoas e a encaminhá-las, sem esperar que amadureçam realmente” (*Discurso no III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 22 novembro 2014, 2*). Em relação a isso, nós também precisamos mudar. O que precisamos aprender? Essa resistência à tentação não significa que, então, precisamos nos retirar da realidade; ao contrário, essa resistência à qual o Papa Francisco nos convida não é para nos retirarmos, mas para aprendermos qual é a modalidade mais adequada de responder à ferida da pessoa que temos diante de nós. Releio a frase do Papa: “É preciso resistir à tentação de substituir-se à liberdade das pessoas e encaminhá-las, sem esperar que amadureçam realmente”. Para aquele estudante, bastou uma semana para começar a mudar. Pensando nessas coisas, tocou-me um texto de Péguy, que proponho a vocês: “Perguntem a esse pai se o momento melhor / Não é quando seus filhos começam a amá-lo como os homens, / Ele próprio como um homem, / Livremente, / Gratuitamente, / Perguntem a esse pai cujos filhos crescem. // Perguntem a esse pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se não está presente / Quando seus filhos começam a tornar-se homens, / Livres, / E ele próprio é tratado como homem, / Livre, / Amam-no como homem, / Livre, / Perguntem a esse pai cujos filhos crescem. // Perguntem a esse pai se não há uma eleição entre todas // E se não está presente / Quando a submissão precisamente cessa e quando seus filhos tornados homens / O amam, (tratam-no), por assim dizer como entendedores, / De homem para homem, / Livremente, / Gratuitamente. Estimam-no desse modo. / Perguntem a esse pai se não sabe que nada vale / Um olhar de homem que cruza outro olhar de homem. / Agora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. [...] Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões do mundo me repugnam e daria tudo / Por um belo olhar de homem livre / [...]. Por essa liberdade, por essa gratuidade sacrifiquei tudo, diz Deus, / Por esse gosto que tenho de ser amado por homens livres, / Livremente, / Gratuitamente, / por verdadeiros homens, viris, adultos, fortes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. / Para obter essa liberdade, essa gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para fazer entrar em jogo essa

liberdade, essa gratuidade. // Para ensinar-lhes a liberdade” (*Ele está aqui*, Bur, Milão 2009, pp. 373-375). Neste processo, há muito para aprender para poder amar assim. No trabalho também existem processos nos quais é preciso constantemente aprender.

Colocação: *Depois das perguntas que você nos colocou na última Escola de Comunidade dei-me conta de que o percurso que você está nos propondo me ajuda sobretudo no meu trabalho. Meu trabalho consiste em ajudar os gerentes senior a serem mais conscientes de si, de modo adulto, e assim, dirigir suas empresas dentro da sua complexidade. Para fazer esse trabalho precisamos trabalhar muito sobre nós mesmos, não só através de cursos de formação de nível internacional, em grandes business schools, mas exercitando também uma grande disciplina sobre nós mesmos, de real escuta, respeito, compreensão de nós mesmos e, portanto, dos outros. Nos últimos meses pedi a uma psiquiatra, analista e neurologista, para trabalhar conosco uma tarde por mês para nos confrontarmos com ela e melhorar continuamente nossa abordagem. E essa psiquiatra, leiga, agnóstica, durante o último encontro nos falou (foi ela quem nos falou!) sobre a parábola do filho pródigo, dizendo que o único modo para conquistar a liberdade é viver como o filho pródigo, e também da necessidade do pai que nos faz descobrir a nossa identidade, da necessidade do senso da realidade e, portanto, da responsabilidade que cada um de nós tem no trabalho e sobretudo na direção de uma empresa. Estamos falando de empresas com milhares de funcionários no mundo. Em síntese, o percurso que você está nos propondo é exatamente o mesmo que norteia o meu trabalho todos os dias. E lhe digo a verdade: só se eu me torno adulta, responsável, consciente, em uma palavra, unida, posso trabalhar e encontrar os outros, senão, como você diz, sou apenas parte do problema, aliás, torno-o mais agudo.*

Colocação: *Em relação à pergunta que você fez na última Escola de Comunidade: “Que percurso a sua liberdade precisou percorrer para descobrir a verdade?”, queria contar a minha experiência. Há alguns anos vivi um evento muito dramático: meu marido morreu de repente. Naquela circunstância de grande sofrimento, supliquei e gritei ao Senhor para que me ajudasse a suportar a dor, porque não encontrava conforto em nada e não conseguia ter um instante de paz. Cristo escutou minha súplica, encontrei resposta no Movimento, que conheci exatamente naquela ocasião. Belíssimo! Pela primeira vez, percebi uma correspondência enorme com o coração pela grande necessidade de verdade que eu tinha, e vivi, com maravilha, a predileção que Cristo tinha e tem por mim. Tornou-se evidente quem eu sou, de onde venho, a minha origem, o meu verdadeiro eu. Nasceu um apego e um fascínio por essa experiência que desejo continuar vivendo e uma necessidade grande de reconhecê-Lo no cotidiano. Então, a minha liberdade se coloca em ação exatamente seguindo o Movimento, lugar que me educa a viver o real, me torna consciente, me ajuda a conhecer e descobrir o sentido da vida. Nada pode preencher o senso de insatisfação e vazio que muitas vezes experimentei e experimento, mas agora sei que existe, que há Aquele que responde às minhas grandes necessidades, que preenche e realiza. Assim, torna-se concreta a frase evangélica: “Estarei convosco todos os dias até o fim do mundo”. Agradeço pela genialidade do método de Deus que, para nos encontrar, “se fez carne”. Acho que vivi a experiência do filho pródigo que é contada na parábola: “tocando o fundo”, cheguei a intuir quem é para mim o Pai, que só Ele pode preencher a necessidade de felicidade que sinto. Nestes dias, estava lendo o livro de Giussani *In cammino* e, numa colocação, é citado um cartaz de Natal que diz: “O caminho do Senhor é simples como o de João e André [...]. Não há outro caminho, no fundo...”. E Giussani pergunta: “Por que é simples?”. Colocação: “Porque ‘começaram a ir atrás de Cristo: por curiosidade e desejo. Não existe outro caminho no fundo, além dessa curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro’”; e Giussani responde, com enorme profundidade e extrema síntese, a “essência” da questão: “‘Curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro’: eliminem uma destas palavras e eliminam a vida” (*In cammino*. 1992-1998, Bur, Milão 2014, pp. 16-17). Cumprimento você e agradeço ao Senhor pelo dom que nos fez com a sua presença, sinal da Sua Presença.*

Carrón: Obrigado. Agora vamos falar de outro desafio com o qual temos que lidar no presente, isto é, a permanência da crise econômica com toda a necessidade que faz emergir. Um gesto do qual a maioria de nós participou recentemente tenta responder ao processo crescente de pobreza. Agora, o responsável do Banco de Alimentos vai resumir para nós a modalidade com a qual se contribuiu com esse processo.

Andrea Giussani. A grande experiência que foi a última Coleta de Alimentos, com todas as histórias que pudemos ver e as histórias que escutamos, é seguramente a riqueza maior desse gesto, muito mais do que o resultado prático que, porém, registrou um aumento de 2% na arrecadação em relação ao ano passado; o que, nestes tempos, é um dado excepcional, seja por causa da crise que continua, seja pelo fato de que outras coletas proliferaram um pouco em todos os lugares, o que é um bem no que diz respeito à difusão da caridade, embora normalmente revelem-se, na verdade, iniciativas pouco ordenadas e, portanto, pouco exemplares em relação a seu futuro. Portanto, no que nos diz respeito, o maior resultado da Coleta é este: trata-se de um gesto que há dezoito anos fazemos do mesmo modo e propomos do mesmo modo, mas que a cada ano é redescoberto e causa maravilha outra vez. E este ano, na verdade, se enriqueceu ainda mais de testemunhos, não só daqueles que participaram fisicamente – quem trabalhou como voluntário e quem fez doações –, mas também de pessoas que não estavam presentes, porque precisaram ficar em casa por doença, por invalidez ou por alguma impossibilidade de participar, mas que se uniram a nós através de instrumentos tecnológicos e também através de histórias, fazendo a Coleta de algum modo de casa. No final, a pergunta que nos colocamos foi esta: por que ainda hoje, mesmo com essa crise, as pessoas doam e, sobretudo, por que as pessoas que encontramos doam, mesmo as que parecem hostis ou entediadas? Antes de tudo porque a pobreza é evidente, é real, está próxima de nós, não é poesia, não é uma coisa distante, está na nossa vida, a encontramos em nossas cidades, em nossos bairros. E, provavelmente, a experiência da Coleta de Alimentos nos últimos anos e nos últimos meses conseguiu mostrá-la melhor a todos. E, depois, porque a Coleta é um gesto simples, muito simples, claro, sustentado por razões compreensíveis imediatamente, não censuradas nem reduzidas, porque as dez linhas do convite para a coleta diz exatamente aquilo que nós pretendemos fazer e são comunicadas por pessoas que fazem a Coleta com alegria, não como um dever ou como um turno que precisam cumprir. Essas pessoas foram vistas por todos os lugares na Itália, as vimos porque ficamos juntos no sábado da Coleta, famílias, idosos, crianças, estudantes, indigentes que trabalharam como voluntários, funcionários caixas dos supermercados que terminavam seu turno e permaneciam trabalhando como voluntários, presos com liberdade vigiada. Realmente, é uma Itália de muitas cores; sobretudo, precisamos reconhecer que a Coleta é contagiosa, Dom Giussani a definia “o fundo comum dos italianos”. O que vi acontecer este ano suscitou em mim uma reflexão, talvez um pouco estatística: a Coleta coloca em ação cerca de cento e trinta e cinco mil voluntários, dos quais um terço, no máximo, são do Movimento; quer dizer que todos chegam à Coleta de outros lugares: são alpinos, pessoas de várias obras caritativas, da Cáritas, dos Vicentinos, às vezes são passantes desconhecidos que param e dizem: “Eu também quero ajudar”. Por que acontece tudo isso? Como é possível? A resposta que tentei dar e que demos na Fundação foi esta: porque o método que é vivido durante a Coleta, mais ou menos compreendido, é o que estamos vivendo e do qual tivemos testemunho também esta noite; o método é garantido pelos responsáveis da organização da Coleta, que o transmitem, mas depois é encontrável pelas pessoas: a Coleta é uma coisa que serve para a pessoa, uma iniciativa que a pessoa imediatamente reconhece como uma proposta e uma ajuda para entender e para fazer. Estou falando de muitas pessoas que provavelmente não sabem o que há na origem do gesto, mas que encontram essa proposta e a vivem. Ao fazer esse gesto simples, o método é realizado, me parece, sem reduções, integralmente e se revela imediatamente envolvente para todos, amplia as capacidades de cada um, não ao fazer da própria cabeça, mas seguindo uma modalidade e uma aplicação prática que torna a pessoa mais capaz, mais eficaz, mais feliz e, portanto, de algum modo faz reconhecer que está respondendo também à própria necessidade. É claro que a

experiência do Movimento está por trás do gesto da Coleta, está na origem e no método, mas não é levantada como uma bandeira; de fato, é a alma desse gesto. Para mim, isso me ajudou a tomar consciência da grande responsabilidade educativa que temos para com a sociedade e as pessoas que acompanhamos no gesto da Coleta e que, depois, acompanhamos todos os dias, porque ou fizemos um encontro ou dizemos que o fizemos; por isso, a responsabilidade é ainda maior e é uma experiência de missão exatamente porque é guiada, porque educa, não porque somos melhores do que os outros no dizer ou no fazer, mas porque seguimos. Nesse sentido, a observação que Prospero fez sobre o laço me diz que as dezenas de milhares de pessoas envolvidas na Coleta encontram a possibilidade de um laço, envolvem-se e se colocam em ação ainda mais entusiasmadas e felizes.

Carrón: Agradeço a você porque o gesto da Coleta tem esse alcance, essa incidência numa circunstância tão decisiva como essa crise, que envolve tantas pessoas. É uma graça ter podido identificar em um gesto uma possibilidade educativa de incidência, em um processo como este que estamos vivendo, desse calibre. Esperamos identificar outros gestos que tenham uma possibilidade de incidência como a Coleta de Alimentos. Há muitas maneiras de intervir nesses processos, do nível pessoal ao mais público, mais social, e quando encontramos os instrumentos adequados, vemos a contribuição que certos gestos podem representar para todos.

AVISOS

Por que a Igreja

Concluimos com uma breve apresentação do texto da próxima Escola de Comunidade, que começaremos a trabalhar em janeiro: *Por que a Igreja*, terceiro volume do PerCurso de Dom Giussani. Parece-me que desde o início, o livro responde de modo estupendo ao tema que enfrentamos hoje, isto é, a queda das evidências. Dom Giussani iniciou o Movimento porque certas coisas começavam a não ser mais percebidas pelas pessoas que encontrava, começando pelos jovens. Há mais de sessenta anos deu-se conta de que a evidência daquilo que ele tinha recebido não era percebida e que a tradição não conseguia mais transmitir. E qual é a sua preocupação? Desde o início, introduz uma novidade metodológica: “Não estou aqui”, diz durante a primeira hora de aula, “para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que lhes direi. E as coisas que lhes direi são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos” (*Educar é um Risco*, Edusc, Bauru/ Sp 2004, p. 16). Durante todo o percurso, desde o primeiro capítulo de *O Senso Religioso* e de *Na Origem da Pretensão Cristã* até o fim ou, agora, desde o primeiro capítulo de *Por que a Igreja*, toda a sua preocupação é como podemos reconhecer aquilo de que falará: como podemos reconhecer Cristo quando se fala da pretensão cristã e como podemos reconhecer a Igreja como continuidade de Cristo na história. Não basta repetir um discurso. A repetição, embora justa, não basta; se o conteúdo não é captado em toda a sua densidade, as evidências não serão tais para nós e portanto não nos apegaremos a elas, não nos servirão para viver. Por isso, [na Itália] começaremos a Escola de Comunidade já em janeiro tentando surpreender esse método, do qual já no Prefácio Dom Giussani nos torna conscientes, porque sem isso, nós podemos ler, ou reler o livro e fazer comentários sobre ele, mas não poderemos perceber verdadeiramente todo o alcance do que a Igreja é, se falta aquilo que Dom Giussani introduz como o fator de julgamento: a experiência elementar, o coração, o senso religioso. De fato, a única possibilidade consiste na geração de um sujeito que torne o homem capaz de recuperar e de reconhecer as evidências mais elementares da vida. Sem isso, a Escola de Comunidade se reduzirá simplesmente a fazer certos comentários que não incidem de modo algum nos processos dos quais falamos esta noite e nos quais estamos mergulhados até o pescoço, perdendo pelo caminho o método que Dom Giussani nos ensinou.

Lembro-lhes o **Cartaz de Natal**, porque as frases que escolhemos, uma do Papa Francisco e uma de Dom Giussani, já nos oferecem a indicação para um caminho.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 21 de janeiro, às 21h30. Começaremos a trabalhar sobre o Prefácio e o primeiro capítulo de *Por que a Igreja*.

Audiência do dia 7 de março de 2015. Queremos ir à audiência que o Papa Francisco concedeu a todo o Movimento no dia 7 de março de 2015, abertos e confiantes nas palavras que escutaremos e nas indicações que nos dará sobre o caminho a seguir. Um momento privilegiado para nos prepararmos para o encontro da Praça São Pedro será a missa de fevereiro pelo aniversário da morte de Dom Giussani e do reconhecimento pontifício da Fraternidade de CL. Sugerimos que retomem a palestra do Papa no Congresso dos Movimentos que citamos. Também temos no site de CL alguns vídeos significativos da nossa história, que vocês podem assistir juntos. Lembro que o convite para a audiência é dirigido a todos e é, portanto, uma ocasião para convidar os nossos amigos. As inscrições começam no dia 15 de janeiro e encerram-se no dia 12 de fevereiro.

Livro do mês para janeiro e fevereiro de 2015 [para a Itália]. Com o início da nova Escola de Comunidade, me pareceu que poderia ser de ajuda repropor *A conversão ao cristianismo nos primeiros séculos*, de Bardy. Embora muitos já o conheçam, parece-me que lê-lo agora tenha um significado diferente, porque estamos percebendo que os processos dos quais falávamos antes são muito mais semelhantes do que pensamos aos momentos iniciais do cristianismo dos quais Gustave Bardy fala; encontramos-nos, de fato, diante de uma sociedade totalmente plural, como a dos primeiros séculos. Ler o livro com essa consciência pode torná-lo totalmente diferente de como o conhecemos, porque agora temos as perguntas que antes provavelmente não eram tão conscientemente claras em nós. Por isso, me parece uma belíssima ocasião poder lê-lo, ou relê-lo com essa perspectiva nova.

Muitas felicidades a todos!

Veni Sancte Spiritus